

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Trump diz que Xi ofereceu ajuda para reabrir Ormuz

Líderes dos EUA e da China se encontraram em Pequim nesta quinta

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse nesta quinta-feira que o presidente chinês Xi Jinping ofereceu ajuda da China para abrir o Estreito de Ormuz e prometeu não enviar equipamentos militares para auxiliar o Irã em sua guerra contra EUA e Israel.

“Ele gostaria de ver o Estreito de Ormuz aberto e disse: ‘Se eu puder ajudar de alguma forma, gostaria de ajudar’”, acrescentou. “Ele disse que não vai fornecer equipamentos militares... ele disse isso enfaticamente”, declarou Trump ao programa “Hannity” da Fox News, após o encontro entre os dois líderes em Pequim.

As falas de Trump - não confirmadas por Pequim - vão além do

comunicado oficial da Casa Branca, que afirmou que o norte-americano e Xi concordaram que o Estreito de Ormuz, uma das principais rotas de petróleo do mundo, deve permanecer aberto e que o Irã não deve ter posse de armas nucleares.

Ainda durante o encontro desta quinta, o chinês fez questão de reiterar que a relação entre os países deve ser baseada em ganhos mútuos e que, se a questão Taiwan for lidada por Washington de forma inadequada, haverá conflitos.

Os mandatários se encontraram em Pequim para reunião bilateral e outros compromissos oficiais da visita de Estado do norte-americano à capital chinesa.

Em seguida, visitaram o Templo do Céu, um cartão-postal da cidade, que tem simbolismo espe-

cial em visitas de Estado por ser conhecido como o local onde imperadores pediam a bênção dos deuses para boas colheitas. Os líderes também jantaram juntos em um banquete de Estado, momento em que Trump convidou Xi para visitar Washington em setembro.

O dia começou com uma recepção amigável, marcada por risos e pequenos cochichos entre os líderes. Em pronunciamento na abertura da reunião bilateral, Trump afirmou que os países terão um futuro fantástico juntos.

“Nós construímos uma relação fantástica. Nós nos demos bem. Quando houve dificuldades, nós as resolvemos. Eu ligava para você, e você ligava para mim, e sempre que tínhamos um problema - as pessoas não sabem disso



Xi Jinping disse ter tido “trocas aprofundadas” com Trump

, nós o resolvíamos muito rapidamente”, disse o norte-americano.

Uma das principais falas de Xi veio depois, durante a reunião de portas fechadas, que durou cerca de duas horas e 15 minutos. Segundo a imprensa estatal Xinhua, o líder teria repetido a Trump que a questão Taiwan é a mais importante nas relações entre as nações.

O chinês teria dito que “se mal administrada, os dois países entrarão em conflito, levando toda a relação China-EUA a uma situação

muito perigosa”. “A independência de Taiwan e a paz no estreito de Taiwan são incompatíveis. Manter a paz e a estabilidade no estreito de Taiwan é o maior denominador comum entre a China e os EUA”, afirmou, segundo a Xinhua.

A fórmula é a mesma que sua diplomacia usou nos dias que antecederam a visita. O chanceler chinês, Wang Yi, por exemplo, afirmou ao secretário de Estado, Marco Rubio, que o ponto é o mais sensível das trocas bilaterais.

Presidente da China defende cooperação e ‘futuro brilhante’ com os Estados Unidos

O presidente da China, Xi Jinping, classificou a visita de Estado do presidente dos EUA, Donald Trump, a Pequim como “histórica” e afirmou que as duas principais potências do mundo podem se ajudar mutuamente para prosperar, em discurso antes do banquete no Grande Salão do Povo.

“Os povos americano e chinês são ótimas pessoas. Alcançar o ‘Rejuvenescimento da China’ e o ‘Faça os EUA grande novamente (MAGA)’ podem andar de mãos dadas. Vamos ajudar um ao outro e promover o bem-estar do mundo inteiro”, afirmou o líder chinês.

Xi disse ter tido “trocas apro-

fundadas” com Trump sobre as relações China-EUA e sobre dinâmicas internacionais e regionais. Defendeu ainda que o relacionamento entre as duas nações é o laço bilateral mais importante do mundo e, por isso, precisa ser preservado, com o respeito como chave para a estabilidade. Na ocasião, brindou ao desen-

volvimento e à prosperidade de ambos os países, ao “futuro brilhante” da relação entre Pequim e Washington e ao bem-estar dos povos.

“Precisamos fazer a relação EUA-China funcionar e nunca bagunçar isso. Os dois países podem se beneficiar da cooperação e perder com a confrontação.

Precisamos ser parceiros, não rivais”, disse. “Trump e eu concordamos em construir um relacionamento construtivo, com estabilidade estratégica, para promover um desenvolvimento estável, sólido e sustentável da relação EUA-China e trazer mais paz, prosperidade e progresso ao mundo”, acrescentou.

Reino Unido tem quatro nomes para o lugar de premiê

/ REINO UNIDO

A saída de Wes Streeting do gabinete de Keir Starmer, nesta quinta-feira, aumenta a pressão dentro do Partido Trabalhista para que o primeiro-ministro apresente sua renúncia nos próximos dias. O secretário de Saúde se preparava, segundo a imprensa britânica, para lançar um desafio formal à liderança do premiê, mas não chegou a esse ponto. Além de Streeting, que pertence à ala mais direitista do Partido Trabalhista, almejam o posto ou têm seu nome lançado por aliados Angela Rayner, ex-vice de Starmer, Andy Burnham, prefeito da Grande Manchester, e Ed Miliband, o atual secretário de Energia.

Em sua carta de renúncia, endereçada, Streeting pediu a saída do primeiro-ministro e sugeriu a realização de um pleito aberto pela liderança. Qualquer um que tenha

apoio de ao menos 20% dos parlamentares da sigla eleitos (81), teria condição de concorrer. Starmer entra na lista automaticamente se não renunciar, daí a enorme pressão por um gesto de sacrifício.

Streeting já teria apoio declarado de 80 parlamentares para entrar na disputa. O parlamentar é visto como um centrista, na linha do ex-premiê Tony Blair, o que não é exatamente uma vantagem no caso dos trabalhistas.

Andy Burnham, primeiro-premiê eleito da região metropolitana de Manchester, em 2017, bateria Starmer com larga vantagem, segundo o levantamento. Para concorrer ao comando trabalhista, no entanto, teria que voltar a ser parlamentar. Isso só aconteceria se algum aliado em Westminster renunciasse, e o partido deixasse Burnham disputar o cargo vago em uma eleição suplementar.

Talvez a aliada mais próxima de Starmer na construção da vitória histórica sobre os conservadores em 2024, Angela Rayner, também uma figura popular na ala mais à esquerda dos trabalhistas, foi secretária de Habitação até o ano passado. Acusada de sonegar impostos na compra de uma propriedade, acabou renunciando. Sintomaticamente, divulgou nesta quinta, horas antes da carta de Streeting, que seu processo tributário havia sido concluído, sem que ficasse provado dolo de sua parte.

Ed Miliband, por sua vez, já foi líder dos trabalhistas na década passada, com fracasso diante dos conservadores na eleição de 2015. Seu desempenho como secretário de Energia é elogiado, ainda que o setor seja um dos flancos explorados por rivais políticos de Starmer e setores negacionistas da crise do clima na imprensa britânica.

Venezuela anuncia processo formal de reestruturação da dívida

/ AMÉRICA DO SUL

O Ministério de Economia e Finanças da Venezuela anunciou o lançamento de um processo formal e ordenado de reestruturação da dívida pública externa do país e da companhia estatal petrolífera PDVSA.

Em comunicado, o ministério cita que o objetivo é colocar a economia a serviço do povo venezuelano, liberando o país da carga acumulada da dívida. O documento pontua que o país demonstrou ao longo dos anos solvência e cumprimento de todas as obrigações internacionais, mas ficou impedido de fazê-lo desde 2017 em razão de sanções econômicas.

“Os recursos do país devem ser destinados, antes de tudo, ao bem-estar do povo da Venezuela

e não para serem consumidos por obrigações financeiras insustentáveis”, segundo o documento. O comunicado do ministério venezuelano divulgado nesta quarta-feira não cita valores do endividamento soberano e da PDVSA.

Os títulos soberanos da Venezuela e os títulos inadimplentes da PDVSA tinham um valor nominal superior a US\$ 75 bilhões, segundo cálculos do Amerant Bank em janeiro. “Ao adicionar outras obrigações, como dívida adicional da PDVSA, empréstimos bilaterais e indenizações arbitrais, estimamos que a dívida externa total da Venezuela seja muito maior, entre US\$ 160 bilhões e US\$ 180 bilhões, dependendo de como os juros acumulados e as sentenças judiciais são contabilizados”, projetou a instituição.